

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

ANA PAULA CAZELLI SOLITARI

INSTITUIÇÃO ESCOLAR: TEM LUGAR PARA MAIS UM?

**SÃO PAULO
2010**

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

ANA PAULA CAZELLI SOLITARI

INSTITUIÇÃO ESCOLAR: TEM LUGAR PARA MAIS UM?

Monografia apresentada ao Instituto Sedes Sapientiae, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia, sob a orientação de Geórgia Vassimon.

**SÃO PAULO
2010**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. ABORDAGEM TEÓRICA.....	6
1.1. A PSICOPEDAGOGIA E A FORMAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO	6
1.2. ÁREAS DE ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO.....	8
1.3. O PSICOPEDAGOGO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR	10
2. ESTUDO METODOLÓGICO	14
2.1. ALGUMAS VIVÊNCIAS	14
2.2. DISCUSSÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA.....	14
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS	19
ANEXO 1	20
ANEXO 2	22

INTRODUÇÃO

O presente trabalho representa a concretização do curso de pós-graduação em “Formação em Psicopedagogia: Atendimento Clínico e Institucional” realizado no Instituto Sedes Sapientiae no período entre 2008 e 2009. Sua função é verificar o lugar do psicopedagogo na instituição escolar.

Meu percurso profissional como pedagoga dentro das escolas me permitiu atuar tanto na coordenação pedagógica como na sala de aula. Em ambos os casos senti a necessidade de ter na equipe um profissional com um olhar diferenciado para a aprendizagem do aluno com a finalidade de auxiliar o professor no sentido de instrumentá-lo com possibilidades de trabalho que aumentem a sua atuação atingindo de alguma forma os alunos com dificuldade de aprendizagem. Percebi que muitos casos que são encaminhados para terapias fora da escola poderiam receber um trabalho diferenciado dentro da instituição escolar através deste trabalho feito com o professor.

Considerando a escola responsável por grande parte da formação do ser humano, o trabalho do psicopedagogo na instituição escolar tem um caráter preventivo no sentido de procurar criar competências e habilidades para solução dos problemas. Com esta finalidade e em decorrência do grande número de crianças com dificuldades de aprendizagem e de outros desafios que englobam a família e a escola, a intervenção psicopedagógica ganha, atualmente, espaço nas instituições de ensino. Mas pode-se sentir que, embora haja uma grande necessidade do profissional e as instituições reconheçam esta importância, ainda não existe um programa de contratação efetiva, pois detecta-se que as escolas não possuem, em sua maioria, a função de psicopedagogo e, em outras, há problemas sérios pela defasagem do profissional em relação ao número de alunos e pelo sistema de atendimento fora da escola, o que quebra o elo de ligação e acompanhamento dos professores em relação aos alunos atendidos.

Espera-se com este estudo a conscientização dos profissionais de Educação quanto à importância do psicopedagogo na escola, resultando na ampliação do campo de trabalho, onde não só beneficiará o profissional, mas também o aluno, no processo de aprendizagem.

Portanto, este estudo tem como objetivo esclarecer o papel profissional do psicopedagogo; definir os locais de atuação do psicopedagogo na escola; demonstrar que, ter um psicopedagogo na instituição escolar, não é tirar funções de outros profissionais, mas acrescentar um profissional especializado à equipe para enriquecer o trabalho.

1. ABORDAGEM TEÓRICA

1.1. A PSICOPEDAGOGIA E A FORMAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO

A Psicopedagogia vai muito além da simples junção das palavras Psicologia e Pedagogia. Isto significa que é muito mais complexa, visto que visa identificar a complexidade inerente ao que produz o saber e o não saber. É uma área que estuda o processo de aprendizagem humana, ou seja, olhar como o indivíduo aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las. Portanto, o seu objeto de estudo é o ser em processo de construção do conhecimento. O psicopedagogo não pode perder de vista sua subjetividade nas relações clínicas, uma vez que um sujeito está estudando outro. Para tanto, é necessário ao profissional saber como acontece a aprendizagem dos outros e a sua própria.

A aprendizagem e a construção do conhecimento são processos naturais e espontâneos do ser humano que desde muito cedo aprende a mamar, falar, andar, pensar, garantindo assim, a sua sobrevivência. A aprendizagem escolar também é considerada um processo natural, que resulta de uma complexa atividade mental, na qual o pensamento, a percepção, as emoções, a memória, a motricidade e os conhecimentos prévios estão envolvidos e onde a criança deva sentir o prazer em aprender. A Psicopedagogia procura compreender de forma global e integrada os processos cognitivos, emocionais, orgânicos, familiares, sociais e pedagógicos que determinam à condição do sujeito e interferem no processo de aprendizagem, possibilitando situações que resgatem a aprendizagem em sua totalidade de maneira prazerosa.

Segundo WEISS (1999, pag. 87):

“(...) a aprendizagem normal dá-se de forma integrada no aluno (aprendente), no seu pensar, sentir, falar e agir. “Quando começam a aparecer dissociações de campo e sabe-se que o sujeito não tem danos orgânicos, pode-se pensar que estão se instalando dificuldades na aprendizagem: algo vai mal no pensar, na sua expressão, no agir sobre o mundo”.

O Psicopedagogo tem a função de observar e avaliar qual a verdadeira necessidade da escola e atender aos seus anseios, bem como verificar, junto ao Projeto Político-Pedagógico, como a escola conduz o processo ensino-aprendizagem, como garante o sucesso de seus alunos e como a família exerce o seu papel de parceira nesse processo.

A Psicopedagogia surgiu no Brasil, na década de 70, devido ao grande número de crianças com fracasso escolar e de a Psicologia e a Pedagogia, isoladamente, não darem conta de resolver tais fracassos. As dificuldades de aprendizagem nesta época eram associadas a uma disfunção neurológica denominada de disfunção cerebral mínima (DCM) que virou moda neste período, servindo para camuflar problemas sociopedagógicos.

No Brasil, a formação do psicopedagogo vem ocorrendo desde então em caráter regular e oficial em instituições universitárias de renome. Esta formação foi regulamentada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em cursos de pós-graduação e especialização, com carga horária mínima de 360h. O curso deve atender às exigências mínimas do Conselho Federal de Educação quanto à carga horária, critérios de avaliação, corpo docente e outras. Não há normas e critérios para a estrutura curricular, o que leva a uma grande diversificação na formação.

Os cursos de Psicopedagogia formam profissionais aptos a trabalhar na área clínica e institucional, que pode ser a escolar, a hospitalar e a empresarial. No Brasil, só poderão exercer a profissão de psicopedagogo os portadores de certificado de conclusão em curso de especialização em Psicopedagogia em nível de pós-graduação, expedido por instituições devidamente autorizadas ou credenciadas nos termos da lei vigente - Resolução 12/83, de 06/10/83 - que forma os especialistas, no caso, os então chamados "especialistas em Psicopedagogia" ou psicopedagogos.

O psicopedagogo possui a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) como elo de interlocução. A ABPp iniciou com um grupo de estudos formado por profissionais preocupados com os problemas de aprendizagem, sendo que, atualmente, também busca o reconhecimento da profissão. Já existe a ocupação de Psicopedagogo, porém, isso não é suficiente. Faz-se necessário que esta profissão seja regulamentada.

1.2. ÁREAS DE ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO

O campo de atuação do psicopedagogo refere-se não ao espaço físico onde acontece seu trabalho, mas ao lugar desta atividade e a forma como aborda seu objeto de estudo.

O psicopedagogo pode atuar em diversas áreas, de forma preventiva e terapêutica, para compreender os processos de desenvolvimento e das aprendizagens humanas, recorrendo a várias estratégias objetivando se ocupar dos problemas que podem surgir. Contudo, em ambas as práticas, o trabalho não deixa de ser teórico, pois está sempre embasado num referencial teórico adotado.

Numa linha preventiva, o psicopedagogo pode desempenhar uma prática docente, envolvendo a preparação de profissionais da educação, ou atuar dentro da própria escola. Na sua função preventiva, cabe ao psicopedagogo detectar possíveis perturbações no processo de aprendizagem; participar da

dinâmica das relações da comunidade educativa a fim de favorecer o processo de integração e troca; promover orientações metodológicas de acordo com as características dos indivíduos e grupos; realizar processo de orientação educacional, vocacional e ocupacional, tanto na forma individual quanto em grupo.

Numa linha terapêutica, o psicopedagogo trata das dificuldades de aprendizagem, diagnosticando, desenvolvendo técnicas remediativas, orientando pais e professores, estabelecendo contato com outros profissionais das áreas psicológica, psicomotora, fonoaudiológica e educacional, pois tais dificuldades são multifatoriais em sua origem e, muitas vezes, no seu tratamento. Esse profissional deve ser um mediador em todo esse processo, indo além da simples junção dos conhecimentos da Psicologia e da Pedagogia.

O psicopedagogo pode atuar tanto na Saúde como na Educação, já que o seu saber visa compreender as variadas dimensões da aprendizagem humana. Da mesma forma, pode trabalhar com crianças hospitalizadas e seu processo de aprendizagem em parceria com a equipe multidisciplinar da instituição hospitalar, tais como psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e médicos.

No campo empresarial, o psicopedagogo pode contribuir com as relações, ou seja, com a melhoria da qualidade das relações inter e intrapessoais dos indivíduos que trabalham na empresa.

Nossa rede de conhecimentos vai se formando dentro de instituições e assim cada vez mais é necessário inserir a Psicopedagogia para estudar como ocorrem as relações interpessoais nestes ambientes. Seu papel é analisar e assinalar os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição. Este profissional propõe e auxilia no desenvolvimento de projetos favoráveis às mudanças educacionais, visando evitar processos que conduzam as dificuldades da construção do conhecimento.

A era industrial tem encaminhado o conhecimento e as profissões para a especialização, devido à necessidade de conhecer melhor alguns aspectos do todo. Em muitos casos, há a superespecialização, ou seja, o especialista passa a ter um foco ainda menor, o que pode fazê-lo perder de vista o todo.

A Psicopedagogia, por ter se constituído a partir de outras áreas, deve ter um cuidado especial para não formar superespecialistas. Esta é uma área de estudo e atuação nova que surgiu devido à superespecialização. Portanto, dividi-la em clínica, institucional e hospitalar é um grande risco que se corre. A Psicopedagogia é uma só. Ela acontece em diferentes espaços, com objetivos próprios. Porém, a forma de pensar sobre o aprendiz, sobre o processo de aprendizagem, sobre a forma de ver o mundo e o conhecimento é a mesma. Portanto, o psicopedagogo é especialista em aprendizagem. Subdividir a Psicopedagogia é fabricar outras áreas de conhecimento e, portanto, perder o seu caráter integrador. O psicopedagogo deve ter bem claro o seu papel e, acima de tudo, saber exatamente qual a finalidade da Psicopedagogia. Assim sendo, neste estudo, vou me referir ao psicopedagogo que desenvolve um trabalho preventivo na instituição escolar como psicopedagogo escolar ou institucional apenas como nomenclatura facilitadora na escrita do texto, uma vez que o profissional é, acima de tudo, psicopedagogo, independente do seu lugar de atuação.

1.3. O PSICOPEDAGOGO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Embora seja uma profissão relativamente nova no Brasil, a Psicopedagogia é uma profissão que é reconhecida não só institucionalmente, mas também profissionalmente pela importância que tem na ação interativa junto aos professores e alunos de forma a completar o ciclo de aprendizagem.

A escola é participante do processo de aprendizagem, inserindo o sujeito em seu mundo sociocultural. Portanto, a escola é uma grande preocupação da Psicopedagogia devido ao seu compromisso com a ação preventiva. Ao refletir um pouco sobre a aprendizagem, podemos dizer que, desde o

momento em que nascemos, iniciamos o processo de aprendizagem. Nesta ação, o ser humano constrói sua estrutura de personalidade na trama de relações sociais na qual está inserido.

Diante do baixo desempenho acadêmico, as escolas estão cada vez mais preocupadas com os alunos que têm dificuldades de aprendizagem, não sabem mais o que fazer com as crianças que não aprendem de acordo com o processo considerado normal e não possuem uma política de intervenção capaz de contribuir para a superação dos problemas de aprendizagem. A Psicopedagogia é uma área que estuda e lida com o processo de aprendizagem e com os problemas dele decorrentes. Portanto, se existissem nas escolas psicopedagogos trabalhando com essas dificuldades, o número de crianças com problemas poderia ser menor.

Por meio de técnicas e métodos próprios, o psicopedagogo possibilita uma intervenção psicopedagógica visando à solução de problemas de aprendizagem em espaços institucionais. Juntamente com toda a equipe escolar, está mobilizado na construção de um espaço adequado às condições de aprendizagem de forma a evitar comprometimentos. Elege a metodologia e/ou a forma de intervenção com o objetivo de facilitar e/ou desobstruir tal processo.

O psicopedagogo institucional, como um profissional qualificado, está apto a trabalhar na área da educação, dando assistência aos professores e a outros profissionais da instituição escolar para melhoria das condições do processo ensino-aprendizagem, bem como para prevenção dos problemas de aprendizagem. A atuação do psicopedagogo na instituição visa fortalecer a identidade, bem como buscar o resgate das suas raízes, ao mesmo tempo em que procura sintonizá-la com a realidade que está sendo vivenciada no momento histórico atual, buscando adequar essa escola às reais demandas da sociedade.

Há uma grande preocupação com os psicopedagogos institucionais atuais que se sentem muitas vezes perdidos com relação à sua função e ao seu

papel dentro da escola. Acredita-se que seu olhar e sua escuta devam estar voltados não só para o compromisso com a escola e com os seus elementos, no caso específico o professor e o aluno, mas que eles também devam incluir neste processo a família e a comunidade que também interferem na aprendizagem assim como estão também incluídos aqueles que decidem sobre as necessidades e prioridades da escola.

Na realidade, o psicopedagogo institucional deveria se preocupar em detectar as possíveis fraturas do ensinar e do aprender como um todo e, assim, propor novas maneiras de ensinar para melhor aprender.

Os desafios que surgem para o psicopedagogo dentro da instituição escolar relacionam-se de modo significativo. A sua formação pessoal e profissional implicam a configuração de uma identidade própria e singular que seja capaz de reunir qualidades, habilidades e competências de atuação na instituição escolar.

Ao psicopedagogo cabe avaliar o aluno e identificar os problemas de aprendizagem, buscando conhecê-lo em seus potenciais construtivos e em suas dificuldades, encaminhando-o, por meio de um relatório, quando necessário, para outros profissionais - psicólogo, fonoaudiólogo, neurologista etc. que realizam diagnóstico especializado e exames complementares com o intuito de favorecer o desenvolvimento da potencialização humana no processo de aquisição do saber.

Segundo Dembo (apud FERMINO et al, 1994, p.57) "Evidências sugerem que um grande número de alunos possui características que requerem atenção educacional diferenciada". Neste sentido, um trabalho psicopedagógico pode contribuir muito, auxiliando educadores a aprofundarem seus conhecimentos sobre as teorias do ensino-aprendizagem e as recentes contribuições de diversas áreas do conhecimento, redefinindo-as e sintetizando-as numa ação educativa. Esse trabalho permite que o educador se olhe como aprendente e como ensinante.

Além do já mencionado, o psicopedagogo está também preparado para auxiliar os educadores realizando atendimentos pedagógicos individualizados, contribuindo para a compreensão de problemas na sala de aula, permitindo ao professor ver alternativas de ação e ver como as demais técnicas podem intervir, bem como participando do diagnóstico dos distúrbios de aprendizagem e do atendimento a um pequeno grupo de alunos. Trabalhar diretamente com o professor é resgatar sua formação e pensar em formas de tornar sua atuação mais eficiente. Este é um espaço dado ao educador para pensar na sua escolha profissional e encontrar em sua atuação uma relação madura com alunos, pais e parceiros institucionais.

Para o psicopedagogo, a experiência de intervenção junto ao professor, num processo de parceria, possibilita uma aprendizagem muito importante e enriquecedora, principalmente se os professores forem especialistas nas suas disciplinas. Não só a sua intervenção junto ao professor é positiva. Também o é a sua participação em reuniões de pais, esclarecendo o desenvolvimento dos filhos; em conselhos de classe, avaliando o processo metodológico; na escola como um todo, acompanhando a relação professor e aluno, aluno e aluno, aluno que vem de outra escola, sugerindo atividades, buscando estratégias e apoio.

Segundo Bossa (1994, p.23):

“Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo de aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter assistencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades individuais de aprendizagem da criança ou, da própria ensinagem.”

A atuação psicopedagógica atinge seus objetivos quando, ampliando a compreensão sobre as características e necessidades de aprendizagem de determinado aluno, abre espaço para que a escola viabilize recursos para atender às necessidades de aprendizagem. Para isso, deve analisar o Projeto Político-Pedagógico, sobretudo quais são as suas propostas de ensino e o que é valorizado como aprendizagem. Desta forma, o fazer psicopedagógico se transforma podendo se tornar uma ferramenta poderosa no auxílio da aprendizagem.

O Psicopedagogo é o profissional indicado para assessorar e esclarecer a escola a respeito de diversos aspectos do processo de ensino-aprendizagem, pois tem uma atuação preventiva. Por tanto, na escola, o psicopedagogo poderá contribuir no esclarecimento de dificuldades de aprendizagem que não têm como causa apenas deficiências do aluno, mas que são conseqüências de problemas escolares, tais como a organização da instituição; os métodos de ensino; a relação professor/aluno; a linguagem do professor; dentre outros.

Sendo assim, ele poderá atuar preventivamente junto aos professores explicitando sobre habilidades, conceitos e princípios para que ocorra a aprendizagem; trabalhando com a formação continuada dos professores; na reflexão sobre currículos e projetos junto com a coordenação pedagógica; atuando junto com a família/alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, apoiado em uma visão holística, levando-o a aprender a lidar com seu próprio modelo de aprendizagem, considerando que esses problemas podem ser derivados das suas estruturas cognitivas; de suas questões emocionais; da sua resistência em lidar com o novo; ou outra derivação que possa se apresentar.

2. ESTUDO METODOLÓGICO

2.1. ALGUMAS VIVÊNCIAS

Com a intenção de entender melhor o papel do psicopedagogo que já está inserido na instituição escolar de alguma forma, recolhi informações, a

partir de dois questionários (anexos 1 e 2) realizados com profissionais, que se encontram no contexto discutido neste trabalho, para poder comparar diferentes lugares que estes profissionais ocupam nas instituições. Pode conhecer o trabalho de dois grupos de profissionais, o primeiro inserido numa instituição particular de ensino superior e, o segundo, inserido numa rede pública de ensino fundamental.

Com o objetivo de formar uma equipe multidisciplinar com o trabalho voltado à comunidade interna (professores, alunos e funcionários) uma instituição particular de ensino superior, que chamarei de Instituição 1, abriu vagas para profissionais com especialização em Psicopedagogia, Psicologia e áreas afins. Esta equipe atende demandas que não fazem parte da rotina escolar, ou melhor, questões que não tinham espaço para serem atendidas nesta instituição.

No sentido de contribuir para a solução dos problemas de aprendizagem e na qualidade do ensino oferecido nas escolas é que uma Diretoria de Educação, que chamarei de Instituição 2, implementou o cargo de Psicopedagogo, via concurso público. O objetivo deste trabalho foi socializar as ações psicopedagógicas desenvolvidas na referida Diretoria.

2.2. DISCUSSÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Na Instituição 1, as psicopedagogas fora contratadas como agentes educacionais, elas não fazem atendimentos psicopedagógicos, nem lidam diretamente com a equipe pedagógica da instituição, mas são porta de entrada para casos emergenciais relacionados a relacionamento interpessoal e questões de aprendizagem com alunos em casos especiais. Acreditam que seu trabalho tem muitos pontos positivos, mas demonstram uma carga negativa muito grande gerada pela estrutura política da instituição, pela falta de valorização do funcionário, pela falta de espaço físico para atuação e por não desempenharem papel diretamente como psicopedagogas. Há uma grande vontade de mudança na atuação, mas junto a isso caminha a falta de

poder e a submissão ao sistema já construído. A falta de apoio por parte da direção e a confusão que existe na visão dos outros departamentos frente ao papel desempenhado pela equipe, acaba por desestimular o trabalho realizado. No entanto, a equipe fica satisfeita com o trabalho através do reconhecimento do público atendido que percebe uma melhora e um crescimento pessoal devido ao trabalho das agentes educacionais. Além disso, acreditam que o fato de terem sido contratadas profissionais da área já é o primeiro passo para a valorização da profissão. Entendem que a confusão na qual vivem perante a instituição no sentido da definição dos papéis é reflexo da falta de definição do papel do psicopedagogo na instituição escolar e, além disso, da variedade de possibilidade de atuação deste profissional neste espaço.

Já na Instituição 2 , inicialmente, as psicopedagogas acompanharam Supervisores, Assistentes Pedagógicas, Fonoaudiólogas e Psicólogas, a fim de melhor conhecer as escolas, porém a falta de definição do papel desta nova profissional na equipe trouxe uma discussão das funções estabelecidas, conflitando a prática constituídas com os fundamentos teóricos da área. Por isso, posteriormente, o trabalho psicopedagógico foi reorganizado. Com base nas informações do aluno, fornecidas pela equipe escolar, as psicopedagogas, divididas por escolas, passaram a fazer observações em sala e sondagem breve. Caso necessário, realiza-se anamnese com o responsável e avaliação através dos instrumentos próprios da Psicopedagogia. Considerado indispensável o atendimento (individual ou em grupo), estabelece-se contrato com o aluno e com o responsável, quinzenalmente, no contraturno, na própria escola. As práticas realizadas em cada Unidade Escolar são socializadas em reuniões semanais na Diretoria de Educação. Os alunos com deficiência também são acompanhados e os professores orientados em como trabalhar pedagogicamente com esses alunos, além de participarem de estudos sobre as deficiências e educação inclusiva. O trabalho psicopedagógico vem sendo desenvolvido desde março de 2008 e fundamenta-se nos preceitos de Piaget, Vygotsky, Ferrero, Fernández, Pain e Weiss. O percurso se deu de maneira conflituosa, pois as experiências e práticas das psicopedagogas são

diferentes, o que gerou discussão e constituição do trabalho. A Psicopedagogia, ainda não reconhecida como profissão, causa dúvidas. A inserção dessa especialidade nesta Diretoria de Educação não foi diferente. No entanto, o trabalho realizado foi reconhecido positivamente e busca aprofundar suas ações contando com supervisão psicopedagógica.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a escola responsável por parcela significativa da formação do ser humano, o trabalho psicopedagógico na instituição escolar, que podemos chamar de Psicopedagogia Preventiva, cumpre a importante função de socializar os conhecimentos disponíveis e de promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de normas de conduta inseridas num mais amplo projeto social. Assim, a escola, como mediadora no processo de socialização, vem a ser produto da sociedade em que o indivíduo vive e participa. Nela, o professor não apenas ensina, mas também aprende. Aprende conteúdos, aprende a ensinar, a dialogar e liderar; aprende a ser cada vez mais um cidadão do mundo, coerente com sua época e seu papel de ensinante, que é também aprendiz. Agindo assim, a maioria das questões poderão ser tratadas de forma preventiva, antes que se tornem verdadeiros problemas, evitando, muitas vezes, o encaminhamento dos alunos para profissionais fora da escola.

Os desafios que surgem para o psicopedagogo dentro da instituição escolar relacionam-se de modo significativo. A sua formação pessoal e profissional implicam a configuração de uma identidade própria e singular que seja capaz de reunir qualidades, habilidades e competências de atuação na instituição escolar.

Apesar do número pequeno de questionários, é possível perceber que conforme visto nas duas experiências conhecidas neste trabalho, a falta de definição do papel do psicopedagogo na instituição escolar, aliado a vasta possibilidade de ação, dificulta o trabalho do profissional, não só pela

angústia que tem ao perceber que não consegue atender a todas as demandas, mas também pela falta de valorização do parceiro de equipe, por não entender claramente a função deste profissional na instituição. Percebe-se que em ambos os casos houve um percurso de construção dos papéis para a definição das funções e ainda há muito a caminhar! Não foi possível realizar o questionário com profissionais que fazem parte da instituição com um papel claro e definido, o que por um lado dificulta a análise, mas por outro permite a reflexão sobre o espaço no qual o profissional em questão encontra nas instituições de ensino atualmente.

A Psicopedagogia é uma área que estuda e lida com o processo de aprendizagem e com os problemas dele decorrentes. Acredita-se que, se existissem nas escolas psicopedagogos trabalhando com essas dificuldades, o número de crianças com problemas poderia ser menor. Ao psicopedagogo cabe avaliar o aluno e identificar os problemas de aprendizagem, buscando conhecê-lo em seus potenciais construtivos e em suas dificuldades, o encaminhado a profissionais sempre que necessário para realização de diagnóstico especializado e exames complementares com o intuito de favorecer o desenvolvimento da potencialização humana no processo de aquisição do saber.

As mudanças políticas, sociais e culturais são referenciais para compreender o que acontece nas escolas e no sistema educacional. O psicopedagogo deve saber interpretar e estar inteirado com essas mudanças para poder agir e colaborar, preocupando-se com que as experiências de aprendizagem sejam prazerosas para a criança e, sobretudo, que promovam o desenvolvimento.

Contudo, ter iniciativas de inserção deste profissional nas instituições, demonstra que já existe um olhar diferenciado para a área, que vai além do atendimento clínico. Certamente, para o reconhecimento da profissão já existe um caminho iniciado, porém para ser concluído dependerá da melhor definição do papel deste profissional.

Portando, a Psicopedagogia, pode fazer um trabalho entre os muitos profissionais, visando à descoberta e o desenvolvimento das capacidades da

criança, bem como pode contribuir para que os alunos sejam capazes de olhar esse mundo em que vivem, de saber interpretá-lo e de nele ter condições de interferir com segurança e competência. Assim, o psicopedagogo não só contribuirá com o desenvolvimento da criança, como também colaborará com a evolução de um mundo que melhore as condições de vida da sociedade.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Laura Monte Serrat. Uma Só Psicopedagogia e Vários Âmbitos de Ação in *Psicopedagogia: Saberes / Olhares / Fazeres*. Pulso Editorial. 2007. Cap. 1.

BOSSA, Nádia. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

FERMINO, Fernandes Sisto; BORUCHOVITH, Evely; DIEHL, Tolaine Lucila Fin. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

VIEIRA, J.G.S.; OLIVEIRA, S.C.; SAVIOLI, A.C.; MACHADO, M.E.G.; FERREIRA, M.M. **A Psicopedagogia na Rede de Ensino de Cajamar: Uma Implantação em Processo**. In www.abppcongresso2009.com.br/pdf/tl_50042.pdf (acessado em abril/2010)

WEISS, Maria Lúcia R. **A Informática e os Problemas Escolares de Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 1999.

ANEXO 1

Questionário 1

1) Tipo de instituição (pública / privada) e nível de ensino (Infantil, Fundamental, Médio, Superior) em que atua como psicopedagoga.

Instituição particular, de Ensino Superior.

2) Como é sua atuação como psicopedagoga na instituição escolar? Me conte um pouco sobre seu trabalho. Ele é direcionado a equipe da instituição ou aos alunos?

Faço parte de uma equipe multiprofissional (psicólogos, psicopedagogos) que forma um grupo de atendimento voltado à comunidade interna da instituição (professores, alunos e funcionários). Atendemos demanda que não fazem parte da rotina. Alguns exemplos seriam alunos com dificuldades, nesse caso, fazemos um levantamento para saber o histórico e encaminhamos para o Sedes ou para o setor aqui da instituição mesmo, somos uma “porta de entrada”. Temos um olhar psicopedagógico para os casos. Para nossa contratação foi pedido especialização, como a Psicopedagogia, mas somos contratados como agentes educacionais. Aqui na instituição, o grupo de Psicopedagogia que faz atendimento é formado por voluntárias e alunas (estagiárias). Nós encaminhamos, acompanhamos, mas não fazemos supervisão.

3) É possível apontar pontos positivos e negativos do seu trabalho? Quais?

Há muitos.... Vamos começar pelos positivos, o trabalho em si é um ponto super positivo! A instituição abriu a possibilidade de contratação de alguém da Psicopedagogia, que é um profissional com olhar diferenciado, somos as pioneiras, as primeiras deste grupo! As parcerias com outras instituições, para onde encaminhamos os casos necessários, é outro fator positivo, é uma construção de trabalho a longo prazo, de um trabalho mais direcionado aos alunos com questões de aprendizagem, é uma possibilidade de atendimento psicopedagógico! Os pontos negativos são muitos também, não atuar efetivamente como psicopedagoga é uma perda, temos um leque de atividades,

não é direto, não é setor só de psicopedagogia, se fosse, poderíamos nos aprofundar mais, montar grupos de estudo, ter um olhar bem mais cuidadoso; além disso, existem os entraves políticos, a burocracia e a política interna emperram algumas ideias, temos que tomar sempre cuidado para não invadir a área acadêmica, aqui o acadêmico é muito valorizado, há uma grande diferença entre o professor e o funcionário e somos funcionárias; sem falar no espaço físico, não temos salas disponíveis para trabalho com grupos.

4) Mudaria algo em sua atuação?

Não, por falta de poder de mudança, mas sim se pensarmos na demanda, é muita coisa para fazer, se pudéssemos, mudaríamos muito, principalmente no burocrático.

5) Você se sente apoiada pela instituição e pelo grupo de trabalho no qual está inserida?

Pela instituição não, a nova gestão não nos apóia, não deixa fazer, limita nosso poder de atuação. No setor, tem valorização, mas não sabemos ao certo quanto eles acreditam no nosso trabalho, há um desejo de ampliação, mas não sabemos se é para ganhar força política ou porque acreditam em nós!

6) Como você acha que seu trabalho é visto por seus colegas de equipe? E pelo público atendido? Percebe algum tipo de “preconceito” por ambas as partes? Entre os agentes educacionais o trabalho é super bem visto, nós incentivamos uns aos outros, nosso coordenador compra nossa briga! Não sentimos preconceito, mas vemos o tempo todo uma resistência da instituição, os outros setores não entendem qual é o nosso papel, nossa função e acabam mandando para nós todas as funções que não tem quem faça. O público atendido dá muito valor, gostam de saber que tem espaço, percebem o crescimento através do trabalho, há mudança na forma deles se verem, é uma das partes mais legais do nosso trabalho! Voltando ao preconceito, achamos mais que é falta de interesse em entender o que fazemos, acabam boicotando nosso trabalho para tentar mudar nossas funções, não querem que o setor desenvolva certas atividades, não há interesse institucional.

7) Acredita que seu papel é importante institucionalmente? Por quê?

Temos certeza que nosso papel aqui é muito importante, quem sabe com a mudança de gestão, nossas condições melhorem. A Psicopedagogia tem sido amplamente discutida e divulgada, a tendência é aumentar a atuação e cada vez mais os profissionais da área estarem inseridos na instituição. Aqui já foi dado o primeiro passo!

8) Gostaria de fazer mais alguma consideração que julga importante?

Queremos falar de algumas outras funções que também desempenhamos, acompanhamos estudantes estrangeiros e o ajudamos através de trabalho em grupo, adaptação na instituição, atividades culturais e acadêmicas e um trabalho com o grupo no qual está inserido para diminuir o preconceito, além de preparamos uma recepção no primeiro mês, este aluno entra por inclusão, por isso é necessário nossa atuação. Além disso, temos atuação com alunos deficientes e fazemos atendimentos diretos, ou melhor, apagamos incêndio!

ANEXO 2

Questionário 2

1) Tipo de instituição (pública / privada) e nível de ensino (Infantil, Fundamental, Médio, Superior) em que atua como psicopedagoga.

Instituição pública – Prefeitura Municipal; ensino: Infantil e fundamental (ensino de nove anos).

2) Como é sua atuação como psicopedagoga na instituição escolar? Conte-me um pouco sobre seu trabalho. Ele é direcionado a equipe da instituição ou aos alunos?

Para responder esta questão, primeiramente vou contextualizá-la sobre a atuação da psicopedagogia nesta rede de ensino. Ou melhor, sobre o percurso... Por solicitação das escolas realizou-se concurso público e criou-se o cargo de psicopedagogo com sede na Diretoria de Educação, onde há os demais profissionais:

- Diretor de Educação;
- Supervisores;

- Assistentes Pedagógicos;
- Especialistas.

O que resulta na Equipe Técnica Pedagógica.

No início houve desconhecimento da função, o que gerou uma indefinição do nosso papel.

A Diretoria de Educação tentou nos enquadrar no modelo de trabalho existente: acompanhamento as escolas em sistema de rodízio junto a Supervisores, Assistentes Pedagógicos e Especialistas. Cujas ações assim eram desenvolvidas: mediante queixa do professor e da gestão, realizávamos observação do aluno em sala e após devolutiva ao professor.

O modelo apresentado causou conflito de ideal da Psicopedagogia.

A preocupação da Diretoria de Educação era com o professor, se ele estava compreendendo a concepção da Rede (Vygotsky e Bakhtin).

Percebeu-se que o papel das psicopedagogas estava igualado ao da Supervisão e das Assistentes Pedagógicas. E o aluno?

E a Psicopedagogia não leva em consideração somente a concepção.

Realizamos uma proposta de reorganização do trabalho desenvolvido. Juntamente com este movimento buscamos aperfeiçoamento profissional em Psicopedagogia Institucional no Instituto Sedes Sapientiae.

A palavra chave para a mudança foi “vínculo”, com a escola, com o aluno, a família e com o professor.

Fizemos a divisão das vinte e nove escolas, sendo em média seis escolas para cada psicopedagoga, pois somos em número de cinco profissionais.

O acompanhamento acontecia em três dias da semana nas escolas e dois dias direcionados para reuniões da Equipe Técnica e Especialistas, formações de áreas (formação continuada para professores), na própria sede da Diretoria de Educação.

O aluno é encaminhado pela gestão e observado em sala de aula – realizávamos uma sondagem breve; na seqüência, devolutiva e orientações para professores e gestores. Quando necessário:

- Anamnese, orientações, encaminhamentos para os serviços de saúde e serviço social;
- Proposta de atendimento no contraturno:

1. Contrato com os pais: quinzenal, individual ou em grupo;
2. Momento de devolutivas: aluno, pais e escola.

Encontramos alguns obstáculos:

- Família: pais não comparecem, não levam os alunos;
- Social;
- Locomoção;
- Escola: dificuldade com o espaço físico e agendamentos

No entanto, nos deparamos que este modelo de atuação apresentava características de atendimento clínico, foi preocupando com a institucional escola que nos fez procurar assessoria para direcionamento do trabalho.

As discussões estão sendo realizadas e também nos mostrando que o modelo pensado não está tão distante do atendimento institucional.

3) É possível apontar pontos positivos e negativos do seu trabalho? Quais?

É possível apontá-los. Quanto aos pontos positivos, penso que a constante necessidade da busca pela pesquisa, das reflexões entre a equipe de Especialistas (onde estamos embutidas), a equipe técnica; a formação nos impulsiona pela melhor qualidade de ensino e aprendizagem dos alunos.

Quanto aos aspectos negativos, acredito que a forma de atuação desenvolvida hoje nos faz sentir angustiados, pois não damos “conta” de atender toda a demanda e atenção necessária à escola e aos professores.

Contudo, nossa atuação está sendo reformulada, como foi dito anteriormente; contamos atualmente com supervisão na área e, através das discussões em grupo, estamos direcionando a nossa atuação.

4) Mudaria algo em sua atuação?

Sim. Acredito que, através da redefinição da atuação, poderei desenvolver melhor a minha conduta.

Se analisarmos hoje, a atuação da Psicopedagogia na rede é de cunho clínico, o redirecionamento é para institucional.

Mudando o foco, mudamos a atuação.

Estamos no processo de mudança, são tantas reflexões e questionamentos.

5) Você se sente apoiada pela instituição e pelo grupo de trabalho no qual está inserida?

Estamos embutidas dentro de uma equipe heterogênea de todas as formas: formações, idealizações, idades, atribuições; o respeito, a solidariedade, a troca de experiências, são quesitos importantes para que todo trabalho seja realizado, concluído.

Posso considerar que me sinto apoiada sim, pela Instituição e grupo de trabalho.

6) Como você acha que seu trabalho é visto por seus colegas de equipe? E pelo público atendido? Percebem algum tipo de “preconceito” por ambas as partes?

Preconceito não; pois como foi dito anteriormente, a solicitação pela inclusão do profissional na rede foram reivindicações dos diretores e professores.

Recentemente foi possível colher algumas informações a respeito de nossa atuação, as críticas levantadas foram construtivas.

7) Acredita que seu papel é importante institucionalmente? Por quê?

Sim. Porque sou comprometida profissionalmente e digo para todos “apaixonada” pelo meu trabalho, me preocupo com as questões da aprendizagem e qualidade de ensino.

8) Gostaria de fazer mais alguma consideração que julga importante?

Convido-a refletir sobre o “propósito” da Psicopedagogia, a não relação com as dificuldades de aprendizagem e sim com o “não aprender”; considerando que na primeira colocação estamos focando o aluno como co-autor enquanto que no paralelo estamos averiguando o que de fato está desencadeando o não aprender, que podemos elencar: a metodologia de ensino, as condições de ensino e orgânico (intrínseco ao aluno). Neste sentido, tiramos de foco o aluno como problemático, que não aprende, e desviamos o olhar para as questões do ensino. Neste aspecto, o psicopedagogo institucional atua.

